

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## COMO IMAGINAR A PÁTRIA? A EXPERIÊNCIA BÚLGARA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Dessislava Lilova

*Boletim Gaúcho de Geografia*, 32: 19-35, dez., 2007.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37446/24192>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



**Portal de Periódicos**  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 2007

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## COMO IMAGINAR A PÁTRIA? A EXPERIÊNCIA BÚLGARA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX<sup>1</sup>

Dessislava Lilova<sup>2</sup>

### Resumo

Esse texto visa a analisar a formação da idéia de pátria antes do aparecimento do estado soberano, tratando da imaginação territorial dos búlgaros na primeira metade do século XIX. Definir as fronteiras da pátria era uma tarefa prioritária para as elites modernizadoras búlgaras, projeto que revelou-se extremamente difícil depois de cinco séculos de domínio otomano e sem evidências confiáveis a respeito das fronteiras do império medieval búlgaro. Uma vez que a geografia histórica era virtualmente nula como ferramenta ideológica, a *intelligentsia* foi forçada a investigar a localização e o contingente de população búlgara a fim de reclamar como pátria um território específico dentro do Império Otomano. Assim, realizou-se uma transferência maciça de conhecimento geográfico vindo da Europa Ocidental. O primeiro objetivo dessa análise é investigar o uso dado aos mapas e manuais importados como meio de transformação da diversidade étnica da Península Balcânica em uma pátria búlgara imaginada. Atenção especial foi dada ao projeto de mapear a pátria como uma soma de descrições locais de cidades e vilas. Entretanto, junto com os instrumentos para contar, medir e representar o território e sua população, a *intelligentsia* importou a ideologia colonial presente no conhecimento geográfico. Os esquemas classificatórios da população mundial não permitiam aos búlgaros identificarem-se como pertencentes ao mundo “civilizado”, levando ao desenvolvimento de um complexo de “barbárie”. O segundo objetivo dessa análise é investigar a própria lógica dessa transferência, como um balanço entre determinismo e escolha, dominação e resistência, que constrói a história da modernidade na periferia ‘bárbara’ do mundo ‘civilizado’.

**Palavras-chave:** geografias imaginadas - invenção da pátria - espaço local-nacional-imperial - transferências ideológicas - história da geografia

### Abstract

The purpose of this text is to analyze the formation of the idea of homeland before the appearance of a sovereign state. The case study concerns the

---

1 Traduzido do original em francês “Comment imaginer la patrie? L’expérience bulgare de la première moitié du 19<sup>ème</sup> siècle” por Ana Stumpf Mitchell e Adriana Dorfman. Texto recebido para publicação em 06/06/2007.

2 Professora Associada no Departamento de Estudos Culturais da Universidade de Blagoevgrad, Bulgária. dessislavalilova@yahoo.com.

territorial imagination of the Bulgarians in the first half of 19<sup>th</sup> century. Defining the boundaries of the homeland was a priority task of the Bulgarian modernizing elites but it also proved to be an extremely difficult project. After 5 centuries under Ottoman rule and no reliable evidences of the boundaries of the medieval Bulgarian kingdom, the historical geography was virtually not available as an ideological tool. Instead, the intelligentsia was forced to investigate the current dislocation and number of the Bulgarian population in order to claim particular territory of the Ottoman Empire as a national homeland. For this very purpose a massive transfer of geographical knowledge from Western Europe was undertaken. The first aim of the analysis is to research the implementation of the imported maps and manuals in order to transform the ethnic diversity of the Balkan Peninsula into imagined Bulgarian homeland. Special attention is given to the project to map the homeland as a sum of local descriptions of towns and villages. However, together with the instruments to count, to measure and to represent the territory and its population the intelligentsia imported the colonial ideology of the geographical knowledge. The classification schemes of the world population did not permit the Bulgarians to identify themselves as belonging to the “civilized” world and led to development of “barbarian” complex. The second task of the analysis is to investigate the very logic of this transfer as a balance of determinism and choice, domination and resistance that make up the history of modernity in the “barbarian” periphery of the “civilized” world.

**Key-words:** imagined geographies - invention of homeland - local-national-imperial space - ideological transfers - history of geography

A presente análise apresenta as transferências e os usos dos conhecimentos geográficos para a cultura búlgara durante o período compreendido entre os anos 30 e 70 do século XIX. No plano político, este período coincidiu com os últimos 50 anos da época do poder otomano. No plano cultural e histórico, tratou-se de uma época de transição para a modernidade e pode-se afirmar, com segurança, que a Geografia exerceu um papel chave neste processo.

O que primeiramente chama a atenção é a Geografia ter-se imposto como disciplina fundamental nas escolas. Entre 1835 e 1878, 38 manuais de Geografia (ou 55, se contarmos as reedições), três atlas e 15 cartas foram impressos. De fato, esta foi a maior dentre as coleções de manuais especializados publicadas nessa época. Além disso, é importante realçar que o interesse despertado por esta disciplina não foi o fruto de uma iniciativa ou de uma imposição institucional. Nessa época, as escolas búlgaras não estavam sujeitas a um controle central pelo Ministério da Educação do Império, sendo

mantidas pelas comunas locais. O resultado foi a não standardização dos programas e sua dependência, em realidade, da prática individual dos professores. Uma relativa homogeneidade da rede de escolas era garantida pela obrigatoriedade de algumas disciplinas a serem ministradas por todos os professores. A Geografia fazia parte do núcleo deste *corpus* estratégico e a questão é compreender o desdobramento dessa situação.

Parece-me que o resultado mais significativo foi a inversão da hierarquia tradicional entre a História e a Geografia. A título de comparação, pode-se apontar que foram produzidos apenas 10 manuais de História, ou seja, quatro vezes menos que os de Geografia. Esse desequilíbrio insólito foi reforçado pela cronologia das edições. O primeiro manual de História búlgara apareceu em 1844 - nove anos após o primeiro manual de Geografia. Os outros manuais de História apareceram após uma longa pausa nos 15 últimos anos da época do poder otomano. Resumidamente, a primeira aparição de uma *história* foi relativamente tardia e abrupta. Em contrapartida, as *geografias* se distribuíram de maneira regular por um período de 40 anos: entre um e cinco manuais foram editados a cada ano.

Como explicar esta correlação original entre História e Geografia no sistema educativo? A Geografia estava, sem dúvida, mais desenvolvida, o que não significava necessariamente que ela fosse tratada como mais importante. Poder-se-ia antes dizer que ela aparecia como um recurso ideológico mais acessível. Nessa época, a tarefa de escrever a História nacional encontrava vários obstáculos. Em primeiro lugar, inexistiam anais da Idade Média em língua búlgara. A informação do passado era conservada em línguas estrangeiras nas bibliotecas fora do Império Otomano<sup>3</sup>. Além disso, a historiografia é uma disciplina antiga, dotada de grande autoridade, um campo científico reservado para especialistas qualificados, pouco numerosos entre os búlgaros. Em resumo, a necessidade de uma narrativa histórica era urgente, mas faltou confiança à *intelligentsia* búlgara. Ao mesmo tempo, o interesse da Europa pelo passado búlgaro era muito limitado. Esta é a razão pela qual foi necessário um longo período para que este *déficit* crucial fosse superado.

É deste ponto de vista que o estatuto diferenciado e o desenvolvimento intenso da Geografia podem ser considerados como fenômenos compensatórios. A Geografia não saberia substituir a narrativa do passado búlgaro, mas poderia fornecer um recurso alternativo para a constituição da identidade coletiva. Um fator decisivo foi o estatuto liberal da

---

3 O reino búlgaro medieval foi submetido ao Império Otomano no fim do século XIV. Os otomanos controlaram essas terras até o fim do século XIX. Nesse período, a aristocracia búlgara desapareceu, restando apenas camponeses iletrados, de modo que, no século XIX, pouco restava do estado medieval ou de suas fronteiras. Assim, a história foi reconstruída com base em fontes gregas e latinas, por estudiosos europeus e importada pelas novas elites modernizadoras.

Geografia durante a primeira metade do século XIX. Ela era classificada como disciplina aplicada, a serviço do desenvolvimento do comércio e do trabalho do aparelho de Estado. Assim, não existiam geógrafos profissionais e os dados eram coletados por amadores - viajantes, diplomatas, comerciantes, engenheiros, militares, empregados da administração colonial<sup>4</sup>.

Até os anos 70 do século XIX, não existia outro campo científico que exigisse uma profissionalização tão exígua, e teria sido estranho se a jovem *intelligentsia* búlgara não tivesse aproveitado esta rara possibilidade. Com efeito, cada tradutor dos manuais de Geografia era capaz de enriquecer as lições sobre a Turquia da Europa com fatos sobre povoações e aldeias que conhecia pessoalmente. Assim, no contexto búlgaro, a Geografia não somente excedia o desenvolvimento da História, mas revelava-se um recurso ideológico extremamente importante.

O segundo fator que poderia explicar a posição elevada da Geografia nos programas escolares é o seu caráter enciclopédico. Como se sabe, durante a primeira metade do século XIX, essa disciplina não tinha ainda um objeto próprio. É por isso que os manuais consistiam em catálogos de fatos, cuja análise é da competência de outras ciências, a começar pela astronomia e pela geologia para chegar à botânica, à agronomia e à economia. Como se poderia esperar, isso tornava as lições descritivas, superficiais e ecléticas. Não é por acaso que na maior parte dos países europeus a Geografia tenha sido ensinada apenas como um curso facultativo ou complementar.

Nas escolas búlgaras, contudo, produziu-se o inverso. Pode-se afirmar que aqui a Geografia se beneficiou de seus defeitos. Ela devia o seu prestígio justamente ao fato de ser eclética e registrar tudo o que estava ligado aos recursos humanos, econômicos e naturais da Terra - do Sistema Solar aos minerais subterrâneos, às línguas, às religiões, aos sistemas monetários e às estruturas do exército. Este quadro superficial, mas aberto ao máximo, tornou-se uma vantagem para as escolas búlgaras. É justamente este quadro o fator que permite o uso da Geografia como uma base de dados da racionalidade moderna. Para uma cultura cuja tradição escrita esteve suspensa durante séculos, a assimilação deste compêndio elementar mas exaustivo foi uma necessidade estratégica. A Geografia se mostrava capaz de satisfazer esta necessidade e não foi por acaso que ela se afirmou de maneira tão categórica como a espinha dorsal do programa escolar.

Esta posição, por sua vez, torna a Geografia extremamente eficaz como canal de transferência de ideologias e como técnica de construção da

---

4 Sobre o desenvolvimento da Geografia do fim do século XVIII até os anos 70 do século XIX, ver LIVINGSTONE, David. *The Geographical Tradition*. Oxford: Blackwell, 1992; *Geography and Empire*, sob a direção de A. GODLEWSKA e N. SMITH, Oxford: Blackwell, 1994; BROU, Numa. *Regards sur la géographie française de la Renaissance à nos jours*. t. I, Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, 1994; NORDMAN, Daniel "La géographie, œil de l'histoire", *Espaces Temps*, n° 66/67, 1998, pp.44-55.

identidade. É sabido que o projeto da modernidade é sujeitar o mundo natural e social ao controle absoluto. Isso significa observar, inventariar, recensear e classificar a realidade. Neste sentido, os manuais de Geografia da primeira metade do século XIX são um produto exemplar da modernidade. Suas páginas transbordam listas infinitas e tabelas estatísticas, reforçando a crença em um mundo conhecível e por conseguinte manejável, uma vez que todos seus elementos podem ser contados, medidos e arranjados num esquema adequado. Pode-se afirmar que naquele contexto não existia outra disciplina que pudesse popularizar de maneira tão acessível a imagem abstrata da natureza e da sociedade como um conjunto de séries taxonômicas, cifras comparadas e esquemas classificatórios.

Uma outra coisa é saber como este “alfabeto” da modernidade é assimilado na cultura búlgara. Em princípio, a Geografia é considerada uma ciência mais precisa e objetiva do que a História e, ao menos à primeira vista, sua recepção suscita menos conflitos. A forma como se traduzem os manuais dessas duas disciplinas é significativa desta relação. Ao contrário dos historiadores estrangeiros, com os quais os autores búlgaros estão constantemente em discussão, as informações dos geógrafos não são corrigidas, mas somente complementadas com dados suplementares sobre as cidades, os animais, as plantas, os rios e as montanhas búlgaras. Em geral, não há intervenções nos outros capítulos, sendo a descrição da Europa a única exceção. Sua definição coloca certamente um problema, como mostram as reações a tal descrição.

Tradicionalmente, o continente é considerado sob dois aspectos: características físicas e população. Sublinha-se o clima moderado e a situação de encruzilhada das outras partes do mundo, mas a ênfase é colocada principalmente na importância de seu desenvolvimento cultural. Pensa-se que os europeus são diferentes dos habitantes de outros continentes por causa, sobretudo, de seus grandes progressos na ciência, nas tecnologias e nas artes.

As famílias lingüísticas são a segunda característica. Admite-se que os homens que falam línguas de origem latina, alemã ou eslava são os mais representativos da Europa. Insiste-se freqüentemente sobre a dominância do cristianismo, mas há apenas um manual que inclui a raça branca na definição da Europa<sup>5</sup>. Em contrapartida, o critério civilizador é evocado em todas as *Geografias*. É este o critério que se revela como a condição incontornável para saber “o que é a Europa”. Veja-se a definição mais recorrente, como aparece no manual de Abade Gaultier, em versões de três tradutores diferentes, contando com 10 edições:

---

5 BLAGOEV, Dimitar. *Geografia escolar breve*. t. III, Viena: Edições de Yanko Kovatchev et al, 1874, p. 21. (versão original em búlgaro)

*Em que a Europa se distingue de outras partes do mundo? A Europa é a menor das cinco partes do mundo; mas o espírito de seus habitantes, o estado avançado de sua civilização, a influência que, por suas numerosas colônias, ela exerce sobre o resto do globo, atribuem-lhe a primeira posição. Dois mares interiores banham a Europa: o Mar Mediterrâneo ao sul, e o Báltico ao norte; a esta vantagem ela deve, em parte, o desenvolvimento de seu comércio, de sua indústria, de sua civilização*<sup>6</sup>.

Definições similares podem ser encontradas em outros manuais de Geografia, sejam eles traduzidos ou compilados das mais diversas fontes (sobretudo francesas, russas, alemãs, americanas ou gregas)<sup>7</sup>. O caráter invariável e a reprodução massiva são sintomáticos da importância desta conceituação no cânone ideológico do século XIX. A idéia da Europa como medida da civilização adquire o estatuto de um conhecimento fundamental, cuja assimilação dá acesso ao projeto da modernidade. Mas por que a transferência de uma definição tão banalizada suscita uma crise no contexto búlgaro? O problema reside no fato de que a idéia normativa da Europa torna difícil a identificação dos búlgaros como europeus. Por um lado, atendem aos critérios formais, como a pertença territorial, a religião, a língua e a raça. Mas por outro, em relação ao seu desenvolvimento, os búlgaros se encontram na posição de iniciantes e não podem se comparar aos “líderes do progresso”.

Esta inquietante ambivalência pode realmente se tornar a base da identidade nacional, por ser registrada como “fato científico” nos manuais de Geografia. Todos autores, sem exceção, afirmam que a população da Turquia da Europa está em atraso no plano cultural e econômico em comparação aos outros habitantes do continente. Com respeito a este índice fundamental, os súditos do sultão, entre os quais os búlgaros, se diferenciavam de outros europeus. Isto, por sua vez, suscita a questão de saber em qual categoria eles se encaixavam.

A resposta não é fácil. Encontrar-se-á em cada manual uma classificação de povos de acordo com o seu nível de desenvolvimento, mas ao contrário da definição da Europa, aqui as versões são múltiplas. Segundo certos autores, existiriam duas alternativas: “povos cultivados” e “tribos

---

6 Abade GAULTIER. *Géographie*. Paris: Jules Renouard et Cie, 1845, p. 109. Os três tradutores do Abade Gaultier na Bulgária são Yoakim Grouev (*Lições de Geografia*, Viena: L. Sommer, 1861, reedições 1862, 1863, 1865, 1870, 1872, 1874), Dragan Mantchev (*Geografia abreviada para crianças pequenas*, Viena: Edições do Mosteiro Armênio, 1862, reedição 1864, versão original em búlgaro) e Kouzman Chapkarev (*Geografia abreviada para pequenas crianças*. Constantinopla: Edições do jornal *Makedonia*, 1868, versão original em búlgaro). Para uma análise breve dos métodos didáticos do Abade Gaultier, ver OLIVIER, J.-L. “Les jetons de l’Abbé Gaultier”, *Mappemonde*, 1990, n° 3, pp. 44-45.

7 As definições da Europa na primeira Enciclopédia Tcheca de 1862 e na primeira Enciclopédia Sueca de 1881 são quase literalmente idênticas. Ver as análises de Miroslav Hroch (“The Czech Discourse on Europe, 1848-1948” - *The Meaning of Europe*, com a direção de B. Stråth / M. Malmberg, Oxford: Berg, 2002, pp. 243-263) e de Bo Stråth (“The Swedish Demarcation to Europe”, *ibidem*, pp. 125-149).

selvagens”<sup>8</sup>. Outros manuais fornecem um esquema mais complexo que compreende de uma a três categorias intermediárias. Os povos que se encontram nestas categorias são qualificados como “semi-selvagens” ou como “bárbaros”. O que significam exatamente estas qualificações? É difícil dizer. Há manuais segundo os quais o grau intermediário refere-se apenas aos nômades<sup>9</sup>. Mas há outros segundo os quais o mesmo estatuto é compartilhado por povos sedentários sem sucesso econômico e cultural<sup>10</sup>. Não se citam exemplos concretos. Indica-se simplesmente que tais tribos se encontram na Ásia, na África, na América e na Austrália.

As descrições destes continentes como um todo são mais equilibradas que a definição da Europa. A Ásia, por exemplo, é sempre qualificada como berço da civilização humana. Frequentemente, acentua-se o rápido progresso da América do Norte, enquanto a antiga glória do Egito lança uma luz positiva sobre a África. O problema é que esta aproximação conciliadora jamais é aplicada à Europa. Ela é considerada a matriz do progresso e, neste sentido, a possibilidade de que europeus não desenvolvidos possam existir é excluída por princípio. Neste contexto, o caso búlgaro se revela como uma anomalia. Isso significa que os tradutores dos manuais se sentem certamente embaraçados, mas ao mesmo tempo são obrigados a fazer algumas correções na definição do Velho continente. Veja-se como é traduzida, segundo a versão búlgara, esta parte da lição sobre a Europa: “Não existe povo na Europa que se contente em desenvolver somente a agricultura. Todos aspiram a tudo conhecer e a se aperfeiçoar. Somente nós, os búlgaros, não podemos nos gabar, mas, cercados de um mundo instruído, forçamo-nos a avançar pouco a pouco”<sup>11</sup>.

Os instrumentos ideológicos que foram importados graças aos manuais de Geografia não são adaptados ao tratar de casos marginais. Construir a identidade sobre esta base não é fácil. Mas, naturalmente, os búlgaros não são os únicos a se verem confrontados com tal problema. Pelo contrário, a maioria das nações no mundo entra na modernidade em desvantagem, como

8 Este esquema é apresentado em apenas dois manuais. Ver IKONOMOV, Georgi. *Geografia abreviada*. Bucareste: Edições de Kopaynikov, 1856, pp. 1-2 (versão original em búlgaro); GROUEV, Yoakim. *Geografia abreviada para crianças*. Viena: L. Sommer, 1866, pp. 38 (versão original em búlgaro).

9 Ver GROUEV, Yoakim, 1861, op. cit., p. 73; MANTCHEV, Dimitar, 1862, op. cit.; ODJAKOV, Petar. *Lições primárias de Geografia*. Viena: L. Sommer, 1866, pp. 30-31 (versão original em búlgaro); PETKOV, Botyo. *Geografia geral abreviada*. Viena: L. Sommer, 1868, p. 37 (versão original em búlgaro); RADOULOV, Sava. *Geografia geral*. Odessa: Edições de P. Frantzov, 1858, p. 24 (versão original em búlgaro); *Geografia comparativa*, Belgrado: Edições escolares, 1866, p. 130 (versão original em búlgaro); KIRKOVITCH, Rada. *Geografia. Lições gerais*. Viena: L. Sommer, 1874, p. 67 (versão original em búlgaro); BLAGOEV, Dimitar. *Geografia escolar breve*. t. III, Viena: Edições de Yanko Kovatchev et al, 1874, p. 67 (versão original em búlgaro).

10 Ver FOTINOV, Konstantin. *Geografia geral abreviada de toda a terra*. Smyrne: Edições de A. Damianov, 1843, pp. 204-208 (versão original em búlgaro); BOGOROV, Ivan. *Geografia abreviada matemática física e política*. Viena: L. Sommer, 1851, pp. 82-87 (versão original em búlgaro); MOMTCHILOV, Ivan. *Geografia política abreviada*. Viena: L. Sommer, 1869, pp. 16-17 (versão original em búlgaro); SHAPKAREV, Kouzman. 1868, op. cit., pp. 39-40.

11 BLAGOEV, Dimitar, 1874, op. cit., p. 7.



“iniciantes”<sup>12</sup>. Deste ponto de vista, a situação não tem nada de extraordinário. Existem estratégias clássicas para ajudar as nações a criarem uma auto-imagem aceitável, apesar de seus complexos de bárbaros. Tais estratégias são, por exemplo, a estetização do primitivo, a valorização do idílio bucólico, a apropriação de dividendos simbólicos da virilidade do estereótipo bárbaro. Entretanto, é importante notar que no contexto búlgaro, a popularidade destas construções ideológicas mantém-se abaixo do nível esperável. Tais construtos são importados como parte das transferências, mas, neste caso, tanto o canal como o resultado são distintos.

A tradução de notas de viagem de estrangeiros desempenhou um papel importante nesse desenvolvimento. Seus autores eram europeus eruditos que pensavam, em geral, que os búlgaros permaneciam distantes do mundo civilizado. Contudo, os viajantes tinham uma atitude bastante positiva para com esta falta de progresso. Sua perspectiva transformou a imagem de “europeus selvagens” de uma anomalia em uma identidade prestigiosa.

A mudança deveu-se à maneira como as *geografias* e as notas de viagem construíram os Bálcãs e, em especial, as terras habitadas pelos búlgaros. Os autores dos manuais enquadravam a região numa escala imaginada de progresso, enquanto os viajantes a situavam num eixo histórico, reconhecendo nela a Arcádia mítica. Eles viam no atraso da população local a confirmação de que o tempo na região parou e imaginavam que realmente tinham, diante de seus olhos, os pastores felizes dos idílios de Virgílio. A imagem búlgara beneficiou-se desta transformação, recebendo o capital simbólico de que tanto precisava. A pergunta que se coloca é saber porque as visões das notas de viagem se marginalizaram e foram esquecidas rapidamente, ao contrário das *geografias*.

A estetização do primitivo é, em princípio, um meio eficaz para superar o complexo de barbárie, mas seu aspecto político se revela inaceitável. O problema reside no fato de que a utopia pastoral, criada pelos viajantes, transforma-se, na mão dos diplomatas, num projeto conservador para legislar sobre o que se chama a Questão do Oriente. A tese de uma calma população cristã prosperando num império em reforma era um argumento-chave em prol do *status quo* otomano. Os búlgaros eram freqüentemente citados como prova da estabilidade desse projeto, uma vez que seu estereótipo étnico já se constituía e servia à conjuntura política. Eles eram apresentados como pessoas inofensivas, felizes no seu paraíso patriarcal, e que não pareciam perturbar-se com o poder do sultão. Acreditava-se também que os búlgaros, em vista de sua simplicidade inocente, careciam de potencial histórico e, por conseguinte, não mereciam a possibilidade de se desenvolver

---

12 Para uma análise da modernidade além do eurocentrismo, ver CONRAD, S.; RANDERIA, Sh. (orgs.). *Jenseits des Eurocentrismus*. Frankfurt: Campus Verlag, 2002.

de maneira independente. Como se poderia esperar, a elite da jovem nação via o futuro muito diferentemente, reagindo severamente. Assim, o estereótipo de um “povo criança” se estabilizou no imaginário coletivo como vergonha nacional e não como uma identidade prestigiosa<sup>13</sup>.

O estatuto simbólico do viajante sofreu uma transformação análoga. Durante décadas, a imagem do Europeu que arrisca a sua vida para descobrir terras incógnitas se beneficiou de um prestígio considerável. Em alguns manuais de Geografia, as lições sobre a África e a América constituem-se na história da exploração destes continentes pelos europeus<sup>14</sup>. Os periódicos também estão repletos de artigos tratando deste tema e as narrativas sobre Cristóvão Colombo e David Livingstone são particularmente populares. Graças a esta propaganda, o viajante se afirma como um modelo heróico e a descoberta geográfica - como um testemunho do pertencimento ao mundo civilizado. Isso explica, por sua vez, porque inicialmente as notas de viagem a respeito das terras habitadas pelos búlgaros são vistas como um acontecimento, sendo lidas com emoção. O próprio fato de a nação chamar a atenção de viajantes é considerada uma transformação significativa. Tem-se a sensação de que os búlgaros foram enfim descobertos pela Europa e, conseqüentemente, incluídos na via comum da humanidade, sendo conduzidos ao progresso<sup>15</sup>.

As implicações políticas do estereótipo pastoral levam a uma reconsideração desta *descoberta*. Em geral, a *intelligentsia* se decepciona. Ela esperara que a Europa tratasse os búlgaros da mesma forma que seus vizinhos gregos, acolhendo ambos como iguais. O estatuto de *povo criança* é percebido dramaticamente e suscita um debate público sobre a ideologia do conhecimento geográfico. A imagem do viajante perdera sua aura romântica e passara a ser uma figura de poder. Da mesma forma, as descobertas perderam o seu caráter ideal e tornaram-se ações políticas. Não serviam mais ao progresso humano, estando a serviço do projeto de conquista e exploração de terras desconhecidas. Nesta nova perspectiva, a Europa perfilou-se como um mestre colonialista, e os búlgaros eram representados como os aborígenes dos Bálcãs. Eis qual é o prognóstico dessas relações bilaterais, de acordo com o renomado jornal “Pravo” [“O Direito”]:

Eles vêem no Oriente terras esplêndidas e ricas, povoadas por pessoas não-européias. São pessoas que os europeus não consideram como seus iguais. Empenharam-se num combate

13 Os argumentos ideológicos contra a imagem dos búlgaros como *povo criança* são bem apresentados na brochura anônima “A Bulgária frente à Europa” (Bucareste, 1865, versão original em búlgaro), assim como nos artigos editoriais do jornal *Narodnost* [A Nação] (1869, II, n° 9, 10, 18).

14 Ver FOTINOV, Konstantin, 1843, op. cit., pp. 22-40; PETKOV, Botyo, 1868, op. cit., pp. 188-189.

15 Ver as notas de viagem anônimas “Um viajante descreve os búlgaros” (*Tsarigradski vestnik* [O Jornal de Constantinopla], 1853, III, n° 106, versão original em búlgaro), assim como a tradução das notas de viagem de Robert Walsh publicadas por Petko Slaveykov (*Mesetzoslov na bulgarskata knijnina* [A revista mensal da literatura búlgara], 1859, II-III, n° 2, pp. 1-5).

contra o Oriente, como fizeram contra a América; puseram-se como objetivo apoderar-se das terras orientais, destruir as populações locais, da mesma maneira que se apoderaram da América e exterminaram os seus habitantes primitivos, os índios... Condenaram-nos à morte, nós, os búlgaros, e todos os outros povos orientais... Resta-nos ver se somos completamente iguais aos índios americanos e prontos a ter o mesmo destino<sup>16</sup>.

A construção de uma linha ferroviária através das terras povoadas pelos búlgaros estava na origem destas sombrias reflexões. A imprensa resistiu abertamente ao novo equipamento, por considerá-lo um instrumento de importação, e não de exportação. De acordo com estas análises, três meses seriam suficientes para exportar o conjunto da produção búlgara: dois meses para a colheita cerealífera e ainda um mês para os outros produtos. A conclusão é que durante o resto do tempo os comboios fariam apenas importar mercadorias europeias, que invadiriam o mercado local. “Está bem, mas não para nós - explica aos leitores o jornal *”Tourtzia”* [“a Turquia”]. - O que ganhamos é o consolo de ter ajudado os europeus a aproveitar todos os benefícios da nossa pátria e a fazer progressivamente de nós os seus escravos”<sup>17</sup>.

É evidente que os caminhos de ferro eram vistos como um instrumento do poder colonial. Esta consideração merece a nossa atenção. Primeiramente, ela está em total contradição com a propaganda na imprensa oficial do Império, onde o novo meio de transporte era apresentado como uma garantia de prosperidade econômica e de integração orgânica, dentro do “concerto europeu”. Certamente, os jornalistas búlgaros polemizavam freqüentemente com seus colegas turcos e as ferrovias não eram o único assunto a suscitar opiniões divergentes. Neste caso, o conflito sintomático é totalmente outro. A campanha jornalística a respeito dos prejuízos do transporte ferroviário semeava a dúvida quanto à veracidade das lições de Geografia, o que é certamente um fenômeno raro.

Nos manuais de Geografia, os caminhos de ferro eram descritos como um dos milagres do mundo moderno, a serviço do progresso<sup>18</sup>. Um mapa temático apresentava as cidades da Europa ligadas por este meio de transporte<sup>19</sup>. Seu autor, Christo Danov, afirmou ter se empenhado em eliminar todas as representações da Geografia Física e Política (cores que marcam as montanhas, os vales etc., bem como todas as linhas que designam as fronteiras), deixando apenas as rotas ferroviárias, a fim de mostrar claramente o rosto moderno da Europa. Naturalmente, as cidades otomanas

---

16 Ver o artigo anônimo “Contra os caminhos de ferro”, *Pravo [O Direito]*, VIII, 1873, n° 31 (versão original em búlgaro).

17 IKONOMOV, Todor. “Vãs esperanças”, *Tourtzia [A Turquia]*, VII, 1871, n° 34 (versão original em búlgaro).

18 ODJAKOV, Petar, 1866, op. cit., p. 29.

19 DANOV, Hristo. *Atlas geográfico escolar com 24 mapas*. Viena, 1865, p. 4.

sobre o mapa não eram numerosas, mas é evidente que sua presença visava a marcar o pertencimento dos búlgaros à Europa.

Na imprensa, estas mesmas cidades eram representadas como postos avançados da expansão européia. Em princípio, a população local poderia utilizar os trens com o mesmo objetivo, mas, naquele momento, a possibilidade dos búlgaros conquistarem a Europa era considerada remota e a única perspectiva realista que surgia diante desse povo era a sua colonização econômica. Os viajantes passaram a ser acusados de precursores deste perigo iminente. Compartilha-se a suspeita de que eles exploravam as terras búlgaras, da mesma maneira que se fez com a Califórnia antes de colonizá-la. A revista “Tchitalichté” [“A Sala de Leitura”] advertia:

Eles já invadiram o nosso país como uma matilha de lobos e bisbilhotaram todos os cantos. Alguns fazem trabalhos de prospecção mineira, outros estudam as localizações, as obras e os nossos numerosos sítios. Outros ainda descrevem a fauna e a flora que caracterizam certos lugares<sup>20</sup>.

É evidente que o regime de mercado intensificou a representação dos búlgaros como um *povo criança*, conferindo-lhe a dimensão de um realismo obscuro. É evidente, também, que isso levou à revisão das políticas do conhecimento geográfico. É mais difícil dizer se esta revisão foi um sintoma do desenvolvimento do contra-modernismo. A julgar pelos projetos para a prevenção do problema *colonial*, a resposta tende à negativa. Depois de debates acalorados, a *intelligentsia* elaborou dois programas. O primeiro possuía um caráter econômico<sup>21</sup>. Recomendava-se proceder a uma modernização rápida da produção através da implantação de novas tecnologias, da formação de quadros qualificados, da concentração de empresas, da unificação do capital financeiro, da industrialização e da investigação de novos e promissores nichos de mercado. O segundo programa era de caráter geográfico. Previa uma mobilização de massa para estudar as terras habitadas pelos búlgaros. O objetivo era organizar os conhecimentos sobre a pátria antes que caíssem nas mãos dos estrangeiros.

A última coisa que se poderia dizer sobre tais programas é que se tratavam de contra-modernismos. Não era o projeto da modernidade que era revisto, mas a representação do regime no qual ele funciona. Em outras palavras, a idéia da civilização deixa o regime da utopia, para ligar-se ao regime de mercado. Disso advém uma modificação nas regras: nem solidariedade, nem compartilhamento universal, mas interesses e concorrência e, conseqüentemente, exercício do poder ou submissão a ele. O resto é questão de saber em qual grau as medidas definidas em prol do

20 BOBTCHIEV, Stefan. “Eis o que somos”. *Tchitalichté* [A Sala de Leitura], 1875, V, n° 6, p. 241 (versão original em búlgaro).

21 Ver os artigos editoriais do jornal *Turtzia* [A Turquia], VII, 1872, n° 36-47 (versão original em búlgaro).

reforço da competitividade foram realistas. Seria necessário, contudo, ter em conta o fato de que as estratégias eram elaboradas pela imprensa e não pelo aparelho do Estado. Não foi por acaso que a conjuntura econômica se manteve inalterada. Por outro lado, o projeto geográfico deu resultados e, por esta razão, mereceu mais atenção.

A idéia foi sugerida pelo mestre de escola Mosko Dobrinov. Em 1869, ele publicou um apelo aos compatriotas para que lhe enviassem - diretamente ou através da imprensa - descrições do seu lugar de nascimento<sup>22</sup>. O seu objetivo era a criação de um dicionário geográfico que reunisse todas as aglomerações nas quais houvesse uma população búlgara. Dobrinov declarou sua intenção de ocupar-se da tarefa, mas lamentou conhecer apenas o território entre as cidades de Tarnovo e de Vidin, daí sua solicitação. O apelo do jovem patriota foi recebido com um grande entusiasmo pela elite nacional. Influentes líderes da opinião pública se declaram decisivamente a favor do projeto<sup>23</sup>. Os jornais mais populares conclamavam sistematicamente seus leitores a se envolverem. Por sua vez, o público respondeu com mais de 100 publicações sobre o tema. A maior parte destas publicações era anônima, mas poder-se-ia presumir que os seus autores pertenciam aos quadros inferiores da rede escolar.

O fator decisivo para esta elevada produtividade foi a longa história do gênero *descrição geográfica*. Em realidade, ele emergira muito tempo antes do apelo de Dobrinov. As suas primeiras amostras datam do aparecimento da imprensa búlgara, nos anos 40 do século XIX, sendo que sua estrutura foi rapidamente estandardizada. Entre os elementos obrigatórios estavam as coordenadas da aglomeração, as particularidades do clima e as condições naturais, os ofícios, a língua e o número da população, bem como certas informações sobre o nível da educação. Evidentemente, poder-se-ia reconhecer o modelo de representação dos países do mundo inteiro nos manuais de Geografia. Mas, neste caso, a descrição era utilizada para construir a identidade de um mundo bem menor, que o indivíduo conhecia pela sua própria experiência. Em outros termos, era uma operação ideológica voltada a formar a imagem da *pequena pátria*. Em princípio, ela não tem relação direta com o despertar do sentimento de pertença a uma comunidade territorial supra-local. E, no entanto, foi justamente com esse objetivo que o gênero *descrição geográfica* foi utilizado. Deste ponto de vista, a campanha para a redação de um dicionário geográfico representou uma iniciativa ideológica pouco comum. Os seus resultados merecem atenção, pois mostram

---

22 DOBRINOV, Mosko. "Uma vontade manifesta". *Makedoniya [A Macedônia]*, 1869, IV, n° 6, n° 13 (versão original em búlgaro). Ver também "Apelo aos Senhores honrosos que amam a instrução nacional", *Makedoniya [A Macedônia]*, 1870, IV, n° 65 (versão original em búlgaro).

23 O apelo de Dobrinov era suportado pelos jornais mais renomados *Makedoniya [A Macedônia]*, *Svoboda [A Liberdade]*, *Tchitalichté [A Sala de Leitura]*, *Pravo [O Direito]*.

como se pode criar uma pátria nacional a partir dos enraizamentos no âmbito do local.

Quais são as diferenças em relação à imagem da pátria criada pelos mapas e manuais de Geografia? A primeira coisa a notar é a questão-chave das fronteiras e do nome da pátria. De acordo com a norma das instituições de ensino, a *terra natal* dos búlgaros não era o Império Otomano, mas a Turquia da Europa ou a Península Balcânica. Os mapas geográficos em uso jamais mostravam o Império Otomano em sua totalidade, de modo que os alunos observavam quer a parte europeia, quer a parte asiática, mas nunca as duas conjuntamente<sup>24</sup>. Os manuais tinham a mesma estrutura. As lições sobre as províncias europeias e asiáticas do Império se encontravam em dois diferentes capítulos consagrados aos dois continentes diferentes. Nesta situação, a Península balcânica, que não era nem um estado soberano, nem um espaço povoado exclusivamente por búlgaros, oferecia a única possibilidade de imaginar um território específico como pátria.

A idéia de reduzir a escala desta grande pátria se atualizou durante os anos 60 do século XIX no âmbito do projeto político prioritário, buscando sobretudo a separação da Igreja Búlgara do Patriarcado de Constantinopla. Tratou-se de uma redistribuição das dioceses seguindo o critério étnico. A tese inicial era a de que os búlgaros tinham o direito à autonomia religiosa no âmbito das terras onde constituíam maioria. Foi este o fundamento sobre o qual se afirmaram três grandes regiões - a Bulgária, a Trácia e a Macedônia.

É desta forma que aparece, no imaginário coletivo, a imagem de uma outra pátria que compreendia apenas as terras povoadas por búlgaros, fundada sobre uma definição da identidade territorial muito mais simples que a dos Bálcãs cosmopolitas. No entanto, sua descrição concreta se revelou um projeto ideológico bastante difícil. Em primeiro lugar, era praticamente impossível dar-lhe uma localização exata sobre o mapa geográfico. Bulgária, Trácia e Macedônia são denominações tradicionais de regiões e não unidades administrativas com limites bem fixados. Seus nomes estavam presentes nos mapas da Turquia da Europa, mas as inscrições eram dispostas aproximativamente e a cada vez cobriam um território diferente<sup>25</sup>.

O resultado é ambíguo. Por um lado, os nomes da Bulgária, da Trácia e da Macedônia vinham sendo manchetes de jornais durante décadas. Por outro lado, a nação possuía apenas uma vaga idéia da posição destas terras. Os manuais de Geografia as apresentavam mais detalhadamente que as outras regiões, fazendo com que elas se destacassem de um plano de fundo menos

24 Os mapas utilizados nas escolas otomanas da mesma época seguem a tradição da cartografia europeia e dividem o território do Império por continentes. Para uma análise especializada da política do Império Otomano na esfera do ensino geográfico, ver FORTNA, Benjamin. *Imperial Classroom: Islam, the State, and Education in the Late Ottoman Empire*, Oxford, 2002.

25 DANOV, Hristo. *Atlas geográfico escolar com 24 mapas*, Viena, 1865 (versão original em búlgaro).

detalhado. Mas tais descrições limitavam-se aos centros industriais e comerciais, produzindo a impressão de uma Babel multicolorida e não de uma *pátria étnica*. Há somente um tipo de lugar que os autores consideravam como *puramente búlgaro*, quais sejam, as pequenas cidades ao pé dos Bálcãs, na região da Trácia. Tratava-se das pequenas aglomerações com uma produção manufatureira próspera, o que lhes garantia um lugar nas lições sobre a Turquia da Europa. No entanto, não era usual mencionar aldeias ou pequenas cidades nos livros escolares, de modo que a rede de aglomerações que abrigava a maior parte da população búlgara permanecia fora do quadro geográfico.

O projeto do dicionário geográfico parecia encaminhar uma solução pragmática para tal problema. Mas, ao mesmo tempo, revelava-se que nas descrições dos representantes locais, a questão-chave “como se chama a pátria comum” perde sua importância. Os lugares de nascimento descritos não eram localizados nem sobre a Península Balcânica, nem na Turquia da Europa, nem na Bulgária, Trácia ou Macedônia. O ponto de referência era a cidade mais próxima, que freqüentemente não era sequer um centro administrativo. A escala na qual a aglomeração era projetada era habitualmente reduzida à *nahia*, à *kasa* e às vezes ao *sandjak*<sup>26</sup>.

Entre os instrumentos clássicos de que a modernidade se serve para construir a representação da pátria destaca-se a visão cartográfica, mas, nesse caso, a estratégia era praticamente seu contrário absoluto. Ao invés de assumir-se o ponto de vista aéreo, a pátria era examinada num plano aproximado ao máximo. Assim, o quadro tornou-se fragmentado, mas em contrapartida ele enfocou cidades e aldeias de outro modo invisíveis, nas quais a população búlgara era dominante. Em outras palavras, dessa forma, a nação recebeu a oportunidade de observar e perceber territórios concretos enquanto *terras étnicas búlgaras*.

A julgar pelas descrições, não era necessário que os sítios em questão fossem etnicamente *puros* para servir à causa. Em realidade, nem mesmo a menor *nahia* era representada como um espaço inteiramente búlgaro. Pelo contrário, a presença de turcos, gregos, judeus, valáquios, albaneses, gagauzos, circasianos, tártaros, ciganos era devidamente registrada. Por vezes, os grupos étnicos eram apresentados isolados, em aldeias separadas, mas, no cômputo geral, a porcentagem das comunidades mistas era mais elevada. Estatisticamente, as descrições de aglomerações mistas eram duas vezes mais numerosas que as consagradas às aldeias puramente búlgaras. De

---

26 O Império Otomano era dividido em *vilayets* (correspondente ao termo província). Os *vilayets* eram subdivididos em *sandjaks* (correspondente ao termo região), compostos por algumas *kazas* (correspondente ao termo cantão). A menor subdivisão era a *nahia* (correspondente à comuna ou município).

modo geral, não há porque pretender que a coabitação de etnias diferentes seja percebida como uma espécie de anomalia territorial.

Disso não se deve depreender que, nas *pequenas pátrias*, as relações entre etnias se desenrolassem de maneira idílica. Na maioria dos casos, estas convivências eram descritas como compromissos para a divisão de ofícios e bairros, e não como relações de integração. Contudo, as descrições produziam a impressão de que a norma de percepção do outro não era sobrecarregada de preconceitos estandardizados, mas formada de acordo com fatores do contexto concreto. Exemplos típicos são os relatos sobre os ciganos<sup>27</sup>. Na maioria dos casos, esta etnia é taxada de “ladra”. Mas há também pequenas cidades onde o patriotismo local dos búlgaros se exalta como talento musical dos seus vizinhos ciganos. A imagem dos albaneses varia em amplitudes análogas. Na descrição de lugar de Debar, os representantes desta etnia são apresentados como “ferozes bandidos” e afirma-se que a população búlgara sofre o destino de martírio comparável ao do personagem bíblico Job. No relato sobre Arbanassi, em contrapartida, os albaneses são personagens da Idade de Ouro local. Os búlgaros os chamam “nossos ancestrais”, têm orgulho de sua riqueza fabulosa e lamentam sua migração como uma catástrofe local<sup>28</sup>.

A normatização da identidade búlgara apresenta as mesmas hesitações. Em geral, essa se sustenta em três pilares basilares, especificamente: a origem familiar, a língua e a religião. Contudo, em certos casos esta combinação é subvertida. Em várias aldeias, por exemplo, a língua falada pode ser o turco ou o grego, ao mesmo tempo em que os habitantes se identificam como búlgaros graças à sua confissão e às relações familiares<sup>29</sup>. Por outro lado, os búlgaros muçulmanos têm um estatuto indefinido. Em certas comunidades são tratados como “irmãos de sangue”, enquanto em outros lugares os cristãos lamentam que os muçulmanos locais os martirizem mais que os *agas*, isto é, os mestres turcos<sup>30</sup>. Outra fonte de irritação é a assimilação fácil dos búlgaros por grupos ortodoxos mais prestigiosos, como os gregos, os sérvios ou os romenos. No contexto dos coletivos locais esta

27 VALKOV, Stefan. “Algumas palavras sobre a localização da aldeia Jeravna”, *Tsarigradski vestnik [O Jornal de Constantinopla]*, 1855, V, n° 235; Stefan TOCHKOVITCH “Kalofer”, *Iztotchno vreme [O Tempo do Oriente]*, 1875, II, n° 33 (versão original em búlgaro).

28 DJINOT, Yordan Hadjikonstantinov. “Descrição estatística da margem Debar na Bulgária Anciã”. *Tsarigradski vestnik [O Jornal de Constantinopla]*, 1859, IX, n° 412 (versão original em búlgaro); anônimo “Descrição da região de Debar”. *Makedoniya [A Macedônia]*, 1867, I, n° 30 (versão original em búlgaro); MANZOV, Dimitar. “Descrição de Arnaoutkoyi (Arbanassi)”. *Pravo [O Direito]*, 1872, VII, n° 4 (versão original em búlgaro).

29 MILKOV, Todor. “Descrição da kaza Bounar Hissar”. *Makedoniya [A Macedônia]*, 1870, IV, n° 56 (versão original em búlgaro); DJANSAZOV, Stoyan. “Descrição da kaza Zahna (sandjak de Seres)”. *Pravo [O Direito]*, 1870-1871, V, n° 44-45 (versão original em búlgaro); o anônimo “Descrições”. *Makedoniya [A Macedônia]*, 1870, IV, n° 77 (o texto é em búlgaro, assinado com as iniciais D...ev); “Varna”, *Dunavski lebed [O cisne do Danúbio]*, 1861, I, n° 41-42 (a descrição é em búlgaro, assinada com as iniciais S.S.T.).

30 Ver a diferença entre a descrição anônima “A aldeia Dolen (região de Nevrokop)” (*Napredak [O Progresso]*, 1874, IX, n° 17) e a correspondência anônima de aldeia Brestovitsa (*Iztotchno vreme [O Tempo do Oriente]*, 1875, II, n° 24, versão original em búlgaro).



transformação é vivida de maneira particularmente dramática, pois faz duvidar a legitimidade da origem familiar<sup>31</sup>.

Pode-se ver que nos laboratórios das *pequenas pátrias* a resposta às questões “quem somos nós” e “quem são os outros” resulta de uma combinação de fatores que é, com efeito, imprevisível. Mas o que mais importa é o fato de que tais respostas alternativas eram aceitas *ipsis literis*, sendo publicadas sem comentários. Isso nos levaria a crer que os ideólogos da *grande pátria* não tinham ainda estabelecido uma norma para a identidade nacional. Eis porque as variações nem sempre eram percebidas como desvios. A bem dizer, a única repreensão reiteradamente dirigida aos porta-vozes das comunidades locais era que as descrições nem sempre eram suficientemente numerosas. Dentro do gênero dicionário geográfico, a quantidade dos artigos é certamente de importância crucial. É um projeto ideológico que não supõe fronteiras pré-definidas da pátria. Ao contrário, supõe-se que a pátria se estenda pelas terras cujos habitantes estejam propensos a situar seus lugares dentro das fronteiras da pátria.

Este projeto é certamente utópico e não surpreende que o dicionário das terras povoadas por búlgaros não tenha sido publicado. Isso não quer dizer que os esforços empreendidos não tenham dado frutos. Graças a eles, os níveis microscópicos de memória coletiva que tradicionalmente passam despercebidos acedem à esfera pública e, daí, ao imaginário nacional. O potencial deste recurso de construção da identidade territorial é mais freqüentemente ignorado que utilizado. Não há razões para subestimar o fato de que, no caso búlgaro, este recurso tenha tido grande relevância. O seu uso intensivo faz parte de uma série de fatores que impossibilitaram a formação de um mito territorial clássico.

Por uma série de circunstâncias presentes na criação da idéia da pátria, não são mobilizados nem mitos de origem autóctone, nem cultos de lugares santos, nem os limites do Estado medieval. Assim, a identidade territorial é idealizada sobre um fundamento mais liberal do que se poderia esperar. Independentemente das denominações da pátria, ela sempre foi imaginada como uma terra partilhada e não como um “território puro” destinado a uma “raça pura”. Sua herança é um capital raro, mas infelizmente a memória nacional dos búlgaros sofre de amnésia em relação a esse processo.

Uma outra parte da herança do século XIX é muito mais resistente, especificamente o peso do complexo de barbárie. Isso significa que ainda hoje

---

31 Ver DJINOT, Yordan Hadjikonstantinov. “Descrição estatística da região de Veles, Krastovtcha, Ohrid e Bitolya”. *Tsarigradski vestnik [O Jornal de Constantinopla]*, 1859, IX, n° 422-423 (versão original em búlgaro); o anônimo “Descrição de Ouzoun-Kyupriya e Gyumourdjina”. *Makedoniya [La Macédoine]*, 1867, II, n° 5 (versão original em búlgaro); o anônimo “Descrição de Thessalonique”. *Pravo [O Direito]*, 1873, VII, n° 2 (o texto é em búlgaro, assinado “Um Búlgaro”).

é igualmente adequado dizer: “nós, os europeus” e “eles, os europeus”. O equilíbrio é delicado e carregado de um potencial de crise. Poderia ser racionalizado como produto de transferências, provocadas simultaneamente pela coação e pela iniciativa. Vale a pena, parece-me, decifrar esta relação entre o determinismo e a escolha, entre a dominação e a resistência, pois, finalmente, é a história da modernidade que é fundada sobre suas conseqüências.